

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CARTAS DE RICARDO SEVERO PARA MARTINS SARMENTO.

CARDOSO, Mário

Ano: 1960 | Número: 70

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Cartas de Ricardo Severo para Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 70 (1-2) Jan.-Jun. 1960, p. 5-20.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Cartas de Ricardo Severo para Martins Sarmento

Se Ricardo Severo não se houvera distinguido como um dos mais notáveis investigadores do seu tempo, bastaria o facto de ter sido um dos fundadores da Revista «Portugália» para que o seu nome de estudioso perdurasse com merecido relevo.

Apesar de mais de meio século decorrido após a publicação dos dois volumes dessa magnífica colectânea de estudos históricos, arqueológicos, etnográficos e antropológicos, não mais voltou até hoje a publicar-se em Portugal uma revista dessa índole com tão marcado valor, ou que possa sequer comparar-se-lhe. Severo e Rocha Peixoto foram os dois principais obreiros desse magnífico monumento literário e científico que legaram à posteridade, e que actualmente constitui uma espécie bibliográfica de grande apêço e raridade.

Muito novo ainda, quando estudante da antiga Academia Politécnica do Porto, onde tirou o curso de engenheiro de Obras Públicas e de Minas, começou Ricardo Severo a revelar pronunciada tendência pelos estudos de investigação das raízes étnicas do povo português. E é curioso relembrar o facto de êle ter publicado, em 1886, no 3.º volume da «Revista de Guimarães», um dos seus primeiros artigos, de colaboração com Fonseca Cardoso, que foi também um dos redactores da «Portugália», e que mais tarde viria a ser um antropologista distinto, iniciador dos estudos de antropologia colonial portuguesa. Tinha então Ricardo Severo

17 anos e Fonseca Cardoso 21. Dois rapazes! Intitulava-se o artigo «Notícia arqueológica sobre o Monte da Cividade» (1) e dizia respeito às ruínas da Cividade de Bagunte, perto de Vila do Conde, onde Severo possuía uma propriedade de família.

Que razão levou os dois jovens estudiosos a darem preferência às páginas desta Revista, para trazerem a público as esperançosas revelações do seu talento e da sua inclinação por esta ordem de estudos, em que haviam de tornar-se tão notáveis? É que, por esse tempo, o órgão cultural da Sociedade Martins Sarmento, que aliás tinha sido fundada apenas dois anos antes, gozava já de um acentuado prestígio e era uma publicação citada por autoridades bem conhecidas nos meios científicos. Outra razão, mais forte ainda, levaria também os autores do artigo a solicitarem acolhimento na «Revista de Guimarães»: a circunstância de ela ser a publicação representativa de uma Colectividade que tinha por Patrono ilustre o grande erudito Doutor Francisco Martins Sarmento, então no vértice do seu prestígio como homem de Ciência. E, nesses tempos, os novos manifestavam pelos mestres um respeito que hoje infelizmente não existe. Na hora incerta que actualmente vivemos, tudo quanto não pertença à escola nova, especialmente no mundo das Letras e da Arte, é considerado atrazado, anacrónico, indesejável, sem que se medite, por um momento, que o presente é sempre a resultante de um somatório de esforços, de trabalhos, de canseiras, de lutas e de anseios das gerações que antes de nós viveram.

Ora quando Ricardo Severo transpunha ainda o limiar das investigações científicas já Martins Sarmento ultrapassara o meio século da sua existência e era considerado um sábio de renome europeu. O incipiente estudioso não se considerava como os jovens de hoje superior ao homem encanecido nas vigílias do trabalho mental. Pelo contrário, procurava as lições e o conselho do erudito etnólogo e pré-historiador vimaranense.

(1) *Revista de Guimarães*, 1886, vol. III, p. 137 ss. Martins Sarmento aditou ao artigo algumas interessantes observações suas (págs. 141 a 145).

Mais de um ano antes de iniciada, em 1899, a publicação da «Portugália» embora já definidas pelos seus fundadores as bases da notabilíssima Revista, Ricardo Severo e Rocha Peixoto dirigiram-se a Martins Sarmiento solicitando a sua colaboração. E pediam-lhe nada menos do que um estudo pormenorizado das escavações realizadas na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso, bem como as suas conclusões sobre essas ruínas, que tanto haviam notabilizado o nome do sábio vimaranense, especialmente após a visita de alguns investigadores estrangeiros de justificada fama, que haviam concorrido ao Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia pré-históricas realizado em Portugal em 1880.

Martins Sarmiento procurado na sua casa de Briteiros, em Junho de 1897, pelos dois moços estudiosos, acolheu-os benèvolamente, surpreendido pelo ardor combativo com que se mostravam dispostos a oporem-se à rotina nacional e a iniciarem corajosamente um movimento de renascença, de patriotismo e de fé, abrindo uma nova era no âmbito dos estudos sobre o povo português, dentro dos variados aspectos da Antropologia, da Etnografia, do Folclore, das tradições históricas, das suas origens etnológicas e dos testemunhos que as investigações arqueológicas facultassem. Era um programa vastíssimo a realizar!

O cientista, prematuramente envelhecido e cansado pela doença, quase constante, que tanto o afligiu nesses últimos anos da sua vida, não tomara porém, grande entusiasmo nem muito a sério estes largos projectos e audaciosos voos daqueles inexperientes moços, e respondeu-lhes um pouco ironicamente: «*Quem me dera a vossa mocidade!*». (1)

Mas, por fim, suggestionado pela insistência, a segurança e a fé com que eles lhe afirmavam o êxito do seu plano, e aliás já de antemão convencido do valor intelectual dos dois estudiosos, consentiu em os ajudar na sua arrojada empresa, e prometeu-lhes toda a colaboração

(1) Número Especial da *Revista de Guimarães*, consagrado à Memória de Martins Sarmiento, Guimarães, 1900, p. 102 (colaboração de Ricardo Severo).

e apoio que pudesse dar aos seus trabalhos. Efectivamente o primeiro volume da «Portugália» abriu, logo na primeira página, com um artigo de Sarmiento, considerado um dos mais valiosos estudos que ele escreveu — *A Arte micénica no Noroeste de Espanha*. (1). Seguir-se-ia, mais tarde, o prometido trabalho, de maior amplitude, sobre as escavações da Citânia e Sabroso e a síntese da Cultura dos castros. Mas, a morte não lho consentiu. E o primeiro artigo da «Portugália» foi também o último trabalho que Sarmiento escreveu. Em Agosto desse fatídico ano de 99 falecia a sábio vimaranense, que aqueles rapazes cheios de talento haviam tomado por mentor e tão profundamente veneravam e admiravam.

Durou nove anos a «Portugália» (1899-1908). Em 908 suspendia-se a sua publicação, por deficiência de fundos para cobrirem os pesados e onerosos encargos que a magnífica apresentação desse «Arquivo nacional de materiais para o estudo do povo português» exigia. Era o destino fatal que espera todas as grandes iniciativas publicitárias num meio indiferente à cultura do espírito. Uma publicação científica daquele aspecto e apresentação gráfica não podia aguentar-se num país que então acusava 80% de analfabetos, e em que o número de investigadores, geralmente sem recursos suficientes para assinarem publicações caras, podia contar-se pelos dedos. Tanto havia conseguido apenas viver outra tentativa audaciosa, a «Revista das Ciências Naturais e Sociais» (1889-1898), que precedera a «Portugália», e era o órgão da Sociedade Carlos Ribeiro, fundada em meados de 87 por Severo e mais quatro estudantes seus companheiros e amigos, que tão notáveis se haviam de tornar: Fonseca Cardoso como antropologista, Xavier Pinheiro como pintor de Arte e jornalista, Rocha Peixoto como arqueólogo, naturalista e etnógrafo, e João Barreira, como crítico de Arte (2).

(1) V. *Bibliografia Sarmentina*, por Mário Cardozo. Guimarães, 1927. E do mesmo A. o *Esboço da Vida e Obra científica de Martins Sarmiento*, publicado em 1956.

(2) Vide Mário Cardozo, «Os fundadores da Sociedade Carlos Ribeiro e Martins Sarmiento», in *Revista de Guimarães*, 1945, vol. LV, p. 13 ss. Sobre a «Rev. das Ciências Naturais e Sociais» vide a notícia incluída no vol. I da *Portugália*, a págs. 176.

No ano em que a «Portugália» deixara de publicar-se, Ricardo Severo emigrou para São Paulo, onde rapidamente alcançou uma posição destacada e brilhante, como escritor, como cientista e ainda como profissional da Engenharia civil, deixando o seu nome ligado a importantes edifícios construídos sob sua direcção naquela monumental e progressiva cidade brasileira. Por lá se conservou durante longos anos e lá veio a falecer em 1940.

Cinco anos antes da sua morte voltou a Portugal, sendo-lhe prestada no Porto uma carinhosa homenagem promovida pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1), à qual presidia o ilustre cientista Professor Dr. Mendes Correia, que a morte também já nos roubou, infelizmente. Ricardo Severo estava então com 66 anos, mas a sua face reflectia já o cansaço de uma vida de trabalho e de actividade intelectual, intensamente vivida! Dos seus queridos companheiros do belo tempo da Sociedade Carlos Ribeiro só o Dr. João Barreira vivia ainda. Todos os outros haviam partido há muito para a grande viagem de onde se não volta mais.

Convidado nessa ocasião a associar-me (já lá vão 25 anos!) a tão justa homenagem, na qualidade de sócio da Sociedade P. A. E. e como representante da Sociedade Martins Sarmiento, instituição tão ligada aos primeiros passos do labor científico de Ricardo Severo, ali compareci e pronunciei, por dever e satisfação, algumas breves e humildes palavras de saudação ao prestigioso cientista (2) que voltava saudoso à sua querida pátria, depois de tão prolongada ausência. E, ao referir-me incidentalmente às relações intelectuais que ele havia mantido com Martins Sarmiento, às quais tantas vezes o sábio vimaranense alude nos manuscritos que deixou inéditos, notei que as minhas singelas palavras sensibilizaram profundamente o coração de Severo, ao recordar o grande Mestre que tanto havia estimado e respeitado.

(1) *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto, 1936, vol. VIII, fasc. I, p. 89 ss.

(2) *V. Revista de Guimarães*, 1935, vol. XLV, p. 168.

Estas breves notas acerca da vida intellectual de Severo, notável Homem de Ciência, grande patriota, espirito liberal e desempoeirado, pertencente a essa falange de novos com talento e espirito combativo, que, no último quartel do século XIX e primeiro do século XX, trouxeram a um Portugal em decadência um sopro de vida nova, ocorreram-me como singelo antelóquio da publicação nesta Revista de cinco interessantes cartas inéditas que ele escreveu a Martins Sarmento, preciosos autógrafos arquivados na Secção de Reservados da Bibliotheca da Sociedade Martins Sarmento. A primeira é de 1888, e, das quatro restantes, três são de 1897 e uma de 99, esta última escrita alguns meses antes da morte do insigne vimaranense.

Vão acompanhadas de alguns ligeiros comentários que redigi para melhor compreensão destas cartas originaes de Severo, escritas ao correr da pena, naturalmente sem preocupações literárias, mas onde transparece a affectuosa estima e simpatia que o seu espirito, superiormente culto e humanamente simples e bondoso, mantivera pelo grande investigador vimaranense.

Mário Cardozo

Ex.^{mo} Sñr.

Apresso-me a responder à sua amável carta. Tornando a ler o Compte-rendu do Congresso, a pág. 401 vi que na realidade tinha toda a razão o seu protesto. Esta parte do meu opúsculo sobre a Antropologia e Etnologia foi escrita na aldeia, fora de uma grande parte dos meus livros e sobre apontamentos tirados antecedentemente, e foi este ponto que ocasionalmente copiara do Compte-rendu algum tanto confusamente, como pude verificar, logo que recebi a carta de V. Ex.^a. Desculpar-mé-á pois se deturpei um pouco aquella passagem da sua bela memória, devido, como vê, a um simples descuido em não

ter ido verificar depois ao original. No entanto, no fundo, lá fica ileso a sua hipótese anti-celtista, que sigo, como teve ocasião de ver no meu pequeno trabalho (1). V. Ex.^a chama preguiça ao facto dos celtistas se não defenderem; não sei, porém, se deverá antes classificar-se tal silêncio de evidente fraqueza de argumentos.

Aproveito a ocasião de me dirigir a V. Ex.^a para lhe enviar as minhas felicitações pelos «Argonautas». Não reparará na extemporaneidade, porém só agora é que tenbo occa-

(1) Este passo tem a seguinte explicação:

Em 1888, Ricardo Severo publicou um opúsculo (II da série *Paleoethnologia Portuguesa*, da Sociedade «Carlos Ribeiro», Porto, 1888, 113 p.) a propósito da obra de Cartailhac, *Les Ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, vinda a lume em 1886. À págs. 103 desse opúsculo, diz o seguinte: «Com profundos conhecimentos sobre a etnologia portuguesa, o Sr. Sarmento procura demonstrar que a Lusitânia se conservou estranha à influência dos celtas, conquanto reconheça entre nós uma toponímia céltica. Esta explica-se pela infiltração de tribos daquela raça, que tivessem escapado à atenção dos observadores». E Ricardo Severo baseia esta afirmativa na Comunicação intitulada «Les Lusitaniens» que Martins Sarmento apresentou ao Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia pré-históricas, realizado em Lisboa, em 1880 (*Vide Compte-rendu de la 9.^{ème} Session*. Lisbonne, 1884, p. 393 ss.). Ora o que Sarmento deixou escrito, a págs. 410 do referido *Compte-rendu* foi realmente: «Comment donc expliquer la toponymie celtique dans ce vaste territoire qui s'étend depuis le Tage jusqu'à la mer Cantabrique? La seule hypothèse possible serait d'admettre l'infiltration insensible de tribus celtiques, qui eussent échappé à l'attention des observateurs...». Mas, na sequência da sua exposição, logo procura rebater e destruir esta hipótese da toponímia de origem céltica e, ao referir-se, a págs. 423, a vários nomes toponímicos hispânicos incluídos no Périplo de Avieno, acrescenta: «Ces noms, dont quelques-uns seraient considérés sans hésitation comme celtiques par un celtiste, ne le sont nullement, ce qui prouve que la toponymie d'une région, malgré ses étroites affinités avec le celtique, peut se trouver absolument en dehors de l'influence des Celtes, et que pour dissiper le doute il faut aller chercher la lumière dans un autre ordre de recherches étrangères au domaine de la linguistique.»

Sobre a tese sarmentiana acerca da etnologia dos Lusitanos, que ele pretendia de filiação ligúrica, em franca oposição à tese então dominante do celtismo, veja-se o que escrevemos na nota (2) de pág. 57-58 da «Correspondência epistolar Hübler-Sarmento», editada pela Sociedade Martins Sarmento em 1947, e ainda as notas (1) de pág. 95, e (1) e (2) de pág. 138 do mesmo volume.

sião de o fazer directamente (1). Livros deste género não encontram entre os compatriotas a recepção que merecem; sempre a mesma indiferença. E, entre o limitadíssimo círculo dos seus leitores, poucos foram certamente os que de modo condigno apreciaram o mérito e profunda erudição do seu autor (2).

A casa onde me disseram que está uma pedra semelhante à «pedra formosa» é em S. Martinho de Sande, pertencente a Francisco Garcia. Em 27 de Agosto passei em Sande com Fonseca Cardoso, em direcção à Citânia e Sabroso; não pude, porém, demorar-me, para verificar a verdade. É mesmo muito possível que seja alguma das pedras trazidas de Sabroso, a que se refere (3). Fiquei, realmente, espantado quando li na sua carta que os machados de bronze de Lousado pertenciam

(1) O volume *Os Argonautas*, de Martins Sarmento, tinha sido publicado em 1887.

(2) Comentário idêntico mereceu a José Caldas a Obra de Martins Sarmento, o qual começa com estas palavras a sua colaboração no *In-memoriam* dedicado em 1900 ao sábio vimaranense: «Uma das maiores desgraças, se não, em meu juízo, a principal, que pode suceder a um escritor que se consagra a uma obra útil, é ter para instrumento das suas revelações uma língua que poucos entendem... É este, em meu entender, um dos mais sólidos contratempos que, para uma segurança crítica dos trabalhos de Francisco Martins Sarmento, oferecem os seus principais livros: — *Os Argonautas* e a *Ora Marítima*.» (Número Especial da Revista de Guimarães, 1900, p. 67).

(3) Esta referência de Ricardo Severo a uma pedra existente em S. Martinho de Sande, freguesia do Concelho de Guimarães muito perto das Caldas das Taipas, pedra essa semelhante à célebre estela funerária designada «Pedra Formosa», procedente da Citânia de Briteiros, que se encontra no Museu de «Martins Sarmento», tem um especial interesse, dado o problema muito debatido da interpretação arqueológica, oferecido pela classe de monumentos a que tais estelas pertencem. Vê-se, neste passo da presente carta, que Sarmento lembrara a Ricardo Severo poder a tal pedra de Sande, em que lhe haviam falado, ser alguma das que, de um monumento idêntico ao de Briteiros, tinha sido deslocada do Monte de Sabroso para casa de um indivíduo do lugar das Pontes junto às Caldas das Taipas (Vide o nosso estudo *A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa*, Guimarães, 1931, págs. 44-45; e também o artigo *Nova estela funerária do tipo da «Pedra Formosa»*, Guimarães, 1949, que a págs. 15-16 contém um inventário de todas as estelas da natureza da Pedra Formosa aparecidas até então no Norte de Portugal, Galiza e Astúrias.

já ao Museu de Guimarães (1). O seu descobridor, o sr. Joaquim da Cunha Sá Couto, recebeu-nos com bastante descon-fiança, e tentando eu depois obter um exemplar, nada consegui.

Tenho a honra de me assinar com a maior estima e consi-deração.

25-II-88

De V. Ex.^a

Porto

At.^o v.^o mt.^o obgd.^o

S. C. Rua de St.^a Isabel n.^o 39

Ricardo Severo

II

Porto-Rua de Cedofeita, 548 (2).

Ex.^{ma} Sr.

Tomo a liberdade de enviar a V. Ex.^a as minhas sauda-ções e muito respeitosos cumprimentos para sua Ex.^{ma} Esposa; entretanto manifestar-lhes-ei os meus sentimentos de grande

(1) Refere-se Ricardo Severo a uma preciosa coleção de 28 machados de bronze, de talão e duplo anel, do tipo chamado galaico-português, aparecidos em 1888 num «esconderijo de fundidor», no Lugar da Abelheira, em S. Martinho de Bougado, (Santo Tirso) e adquiridos por Martins Sarmento para o Museu da Sociedade Martins Sarmento por cinco libras, tendo sido interme-diário nesta aquisição o Padre Joaquim Pedrosa, abade, de Santo Tirso. (Bibliografia destes exemplares: *Mss. de Sarmento*, cad. 43.^o, 1885-89, pág. 121; M. Sarmento, «Antigualhas», *Rev. de Guimarães*, vol. V, pág. 158, ou *Dispersos*, p. 323; Siret, *Questions de Chronologie et d'Ethnographie ibériques*, Paris, 1913, p. 461-62; Augusto César Pires de Lima «A correspondência Martins Sarmento-Padre Joa-quin Pedrosa», *Rev. de Guimarães*, vol. L, 1940, p. 187 e 190; H. N. Savory, «The Atlantic Bronze Age in South-west Europe», *Proceedings of the Prehistoric Society*, vol. XV, 1949, p. 128 ss., ou *Rev. de Guimarães* (versão portuguesa deste artigo), vol. LXI, 1951, p. 362.

(2) Direcção impressa no papel da carta. Mas esta era diri-gida da propriedade de Ricardo Severo, Casal de Pedro, em Vila do Conde, como se vê no final da mesma.

reconhecimento pelo acolhimento muito distinto e muito amável que V. Ex.^{ca} me dispensaram. Deveria ter-lhe escrito, logo após a minha chegada aqui, mas tomaram-me o tempo umas viagens forçadas ao Porto por causa dos incómodos sempre crescentes de meu pai; perdoem-me se hoje cumpro um pouco tarde esta obrigação, a comprovar o quanto sou penhorado pelas gentilezas que recebi de V. Ex.^{ca}.

Conjuntamente envio a receita que havia prometido a sua Ex.^{ca} Esposa, e breve vou mandar-lhe as provas dos clichês que aí tirei (1); depois, quando aí for para o trabalho do Sabroso, haverá ocasião de reproduzir paralelamente alguns tipos e aspectos, e realizar pela fotografia uma interessante documentação etnográfica, com muito carácter local.

E, conforme expuz a V. Ex.^{ca}, insisto para que me considere incondicionalmente ao seu dispôr, pronto a colaborar com o maximum próprio de actividade e dedicação, para que V. Ex.^{ca} realize as monografias histórico-arqueológicas da Citânia e Sabroso (2), dois documentos de alta valia para a pré-história nacional.

(1) Na data desta carta, Junho de 1897, foi Martins Sarmiento visitado em Briteiros por Severo e Rocha Peixoto, que lhe solicitaram colaboração para a futura Revista *Portugália*, a qual iniciou a sua publicação em '99. Entre os clichês que, nessa ocasião, Ricardo Severo diz ter feito em Briteiros figura o último retrato de Martins Sarmiento, que, embora ainda com 64 anos, mostra nessa fotografia a face enrugada e envelhecida de um homem já cansado e gasto (Vide *Portugalia* vol. I, onde, a pág. 419, foi reproduzido esse retrato). Nessa época atravessava Sarmiento uma grande crise da doença que dois anos após o havia de aniquilar (Vide Mário Cardozo, «Dr. Francisco Martins Sarmiento. Esboço bio-bibliográfico», prefácio do volume de *Homenagem a Martins Sarmiento. Miscelânea de Estudos no Centenário do seu nascimento*. Guimarães, 1933, p. 17; e «Francisco Martins Sarmiento. Esboço de sua Vida e Obra científica», Guimarães, 1956, p. 22).

(2) O concurso que Severo oferecia a Sarmiento para a elaboração das monografias da Citânia e de Sabroso era o da documentação fotográfica. Mas nem dessa colaboração carecia Martins Sarmiento, que era um excelente fotógrafo amador. (Vide Mário Cardozo, *Bibliografia Sarmentina*, Guimarães, 1927, nota 2 de pág. 33, e *Correspondência Hübner-Sarmiento*, cit., final da nota 1 de p. 7, e nota 2 de p. 284).

Espero dever-lhe todos estes favores, e creia V. Ex.^a na respeitosa dedicação de quem é, com muita consideração e muita estima.

adm.^o muito agradecido,
Casal de Pedro, Vila do Conde

23-VI-97 Ricardo Severo

III

Casal de Pedro

12-VII-97

Ex.^{mo} Sñr.

Quiz enviar-lhe logo as provas dos clichés que aí fiz, em Briteiros, mas outras preocupações vieram e o tempo passou. O cliché feito dentro de casa não é bom, pela deficiência da luz; será, quando muito, uma recordação de mínimo valor. Estampeei com alguma felicidade os do descante (1); foi minha mulher quem fez a tiragem dos positivos, cabem-lhe as censuras pelas imperfeições que houverem.

(1) Durante os meses de verão, que Martins Sarmento passava em Briteiros, eram frequentes, no amplo terreiro em frente à sua casa solarenga, as *festadas* domingueiras aldeãs, organizadas pelas moças e rapazes da freguesia, que ali se reuniam autorizados por Sarmento, curioso de observar e surpreender, nos seus aspectos locais mais interessantes, o folclore deste povo alegre do Minho, a mais alegre e colorida das províncias portuguesas: eram danças, eram jogos de prendas, eram as trovas improvisadas do cantar ao desafio, ao som da viola e da *harmónica*, era toda essa expansão comunicativa e álcere da alma popular, que Martins Sarmento analisava, admirava e sentia intensamente. (Vide Mário Cardozo, *Francisco Martins Sarmento. Esboço da sua Vida e Obra científica*, cit., p. 10). Certamente na ocasião da visita de Severo à casa da Ponte, de Sarmento, em Briteiros, tivera lugar alguma dessas festas aldeãs, cujos aspectos Severo fotografara.

Talvez que esta vá parar ao Gerês e encontrá-lo junto à milagrosa bica, como diz, (1). Bem lhe desejo, muito do coração, grandes melhoras e especialmente muita coragem e um pouco mais de esperança, não direi para transportar montanhas, mas para que se considere muito longe ainda dessa lista dos moribundos a que se refere com desânimo e desesperança.

E, como todo esse doentio cepticismo se reduz a fluxos biliares, lá está a fonte do milagre; vê-lo-ei certamente na Póvoa de Varzim mais bem disposto — assim são os meus votos muito sinceros.

De meu pai não posso dar-lhe boas noticias; os seus males agravam-se progressivamente. Sou-lhe grato, muito grato, pelos seus cuidados; não me é possível, infelizmente, satisfazê-los melhor com melhores novas do doente.

Em meu nome e de minha mulher queira apresentar a sua Ex.^{ma} Esposa os nossos mais respeitosos cumprimentos.

E creia V. Ex.^a na minha grande estima e dedicação.

Ricardo Severo

IV

Porto — Rua de Cedofeita, 548

8-XI-97

Meu Ex.^{mo} Amigo

Muito animadora a sua carta porque me traz a certeza das suas boas disposições para encetar o trabalho sobre Sabroso.

(1) Durante o período de 1893 a 97, Martins Sarmiento frequentou sempre, no mês de Julho, as Termas do Gerês, procurando alívio para os seus males, a gastro-hepatite crónica de que sofria (Vide nota 2 de p. 195 da *Correspondência Hübner-Sarmiento*, cit.). Em 18 de Julho deste ano de 1897, escrevia ele ao seu íntimo amigo Padre Martins Capela, erudito autor dos *Miliários dos Conventus*

Realmente era destinada à revista em projecto (1) essa monografia, apesar da sua extensão e dos inúmeros materiais figurados. E, como a nossa publicação, sob o seu aspecto de arquivo nacional, não tem periodicidade obrigada, e tão pouco limite de volume, cabem-lhe perfeitamente trabalhos da ordem do estudo sobre Sabroso, apesar de nos dizer, por prudência, que levará tempo infinito. Não acreditarei na indefinida extensão desse trabalho, que nos habituamos a ver figurar no nosso programa, e a que está ligado, de resto, o sucesso do nosso empreendimento, e vejo tão sómente, por agora, a generosa afirmativa do meu Ex.^{mo} Amigo, quando assegura que permanece a combinação feita em Briteiros. Lembrarei que, em Briteiros, tanto eu como Rocha Peixoto, nos colocamos incondicionalmente ao seu dispor para todo e qualquer auxílio, e conto que breve combinaremos a forma de começar a série de clichés sobre o castro, materiais do museu, etc. (2).

E, paulatinamente, consoante os seus hábitos de trabalho, com os quais concordo plenamente poderá ir escrevendo o texto do seu trabalho, que metódicamente a revista irá publicando, por capítulos ou séries, de acordo com o plano geral do estudo. Ao fim, reunidas as separatas, estará concluída a obra, com um menor dispêndio de esforço, do que seria executando o trabalho de uma só vez. Assim concluirá que no nosso plano entra a publicação de estudos do vulto da monografia sobre Sabroso, e, porque todos estes trabalhos exigem muito tempo, nos antecipamos a organizar alguns serviços necessários à realização da

Bracaragustanus, em Portugal (Porto, 1895): «.....O seu Gerês (o P.^o Capela era natural de Terras de Bouro, junto do Gerês) tem-me tratado muito mal este ano. Apanhei, não sei como, uma constipação que, já se vê, veio acirrar a minha eterna bronquite, e pondo-me em tal estado que, durante alguns dias, só tinha vontade de dormir, e mais nada. Agora estou muito melhor e, com os meus ares de Briteiros, que começarei a respirar aí pela meia noite do dia 20, se Deus quiser, conto pôr-me, se não bom, quase bom» (Vide *Revista de Guimarães*, vol. XLVIII, 1938, p. 205). Noutra carta para o mestre da Epigrafia latina, Emilio Hübner, datada de março do ano imediato, dizia Sarmento: «.....lá vai esse bom tempo em que eu corria montes e vales, sem medo do sol, nem da chuva. Agora, se vou aos montes do Gerês, é para pedir à fonte milagrosa que me dê alguns dias de saúde, e o resto do ano, passo-o sentado numa cadeira, ou a dar passeios de lesma.....» (Vide *Correspondência Hübner-Sarmento*, cit., p. 274).

(1) A «Portugalia».

(2) Vide nota 2 de pág. 14.

parte material da revista, no que diz respeito, por exemplo, aos materiais figurados.

Disse-me R. Peixoto que tencionava ir a Guimarães; aí conversarão certamente a este respeito, e poderá elucidar-se minuciosamente sobre o nosso plano.

Resta-me agradecer-lhe muito a amabilidade dos seus bons oferecimentos e pedir-lhe que me mande com franqueza até onde possam prestar-lhe quaisquer serviços as minhas fracas aptidões.

Queira apresentar a sua Ex.^{ma} Esposa os meus respeitosos cumprimentos e creia-me V. Ex.^a cordealmente amigo e

Adm.^{or} mt.^o dedicado

Ricardo Severo

V

Ex.^{mo} Amigo, Bem, estimo não ir encontrá-lo, sofrendo com as humidades deste inverno tão desabrido e inclemente. Não há palhoça que resista a tanta água do céu, e o Senhor não nos tornou convenientemente impermeáveis para esta vida de anfíbios.

Vêm logo os catarros, gripes, pleurises, um nunca acabar de males, que os há por aí aos milheiros, como peste, e vai doentio o tempo cá pelas capitais, muito de influenzas. Mas não foi este assunto que me trouxe à presença do meu bondoso Amigo. Trata-se do seguinte: Estava no meu plano abrir a secção «Bibliografia» da nossa «Portugália», apresentando a sua obra «Ora Marítima». E-nos intimamente simpático este início, e havia resolvido reeditar aí, para que corresse mundo com a nossa publicação, a tradução em francês das suas conclusões desde pág. 157, resumindo-as desde pág. 146, ou mesmo publicadas na íntegra. Desta sorte se pretendia espalhar mais o valor das suas interpretações, cujo interesse é extraordinariamente vasto (1).

(1) Efectivamente a «Bibliografia» do 1.^o fascículo da «Portugália» (vol. I, p. 163) abre com a análise da obra de Martins Sarmiento *Ora Marítima* (2.^a ed., 1896), edição crítica do poema de Avieno, seguida do resumo em francês das suas conclusões (p. 165-171).

Condensar a parte crítica até pág. 157, era para dar maior precisão, nitidez e relevo às conclusões. Ninguém melhor do que o próprio Autor para fazer esse apanhado, modificando ou acrescentando.

Tratando-se pois de apresentar o resumo das conclusões do seu notável trabalho, no que interessa imediatamente a etnografia dos velhos povos da Península, bem poderia V. Ex.^a prestar-me auxílio, de forma que esse resumo fosse exactamente o que lhe pertence.

Não serei impertinente pedindo-lhe mais este serviço? De resto, não lhe tomaria demasiado tempo. Em um próprio exemplar da «Ora Marítima», V. Ex.^a fazia as anotações, acréscimos ou resumos, e mandava-mos, para se fazer a tradução. Desta maneira realizava eu cabalmente, com precisão, o meu intento de apresentar as conclusões da parte etnográfica do seu valioso trabalho.

Não sendo exigente, pedia-lhe breve uma resposta, porque preciso é não descuidar, visto que faltam apenas 2 folhas de impressão para lá chegar.

E agradeço-lhe, desde já, a bondade com que leu este meu memorial até aqui, e em que decerto fui maçador, pelo menos, exigente.

Estou em correspondência com P.^e Brenha a respeito das tais inscrições neolíticas. Se não fossem as prisões que agora me retêm aqui, já tinha ido visitar aquela zona tão curiosa e problemática (1).

(1) O fasc. 4.^o do vol. I da *Portugalia* publicou um largo estudo sobre *As necrópoles dolmênicas de Trás-os-Montes* (págs. 687-750) que, sob este título geral, insere uma Introdução de Ricardo Severo, e o artigo do investigador Rev. Padre José Brenha, «Dolmenes do Concelho de Vila Pouca de Aguiar». Nesse comentário de Severo são eruditamente estudadas as célebres inscrições em caracteres indecifrados (Vide *Correspondência Hübner-Sarmiento*, cit. p. 292-93) encontradas nas necrópoles dolmênicas de Carrazedo e Lixa do Alvão (V.^a Pouca de Aguiar). Este valioso espólio encontra-se hoje no Museu do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto. As antas da Serra do Alvão foram oficialmente classificadas «monumentos nacionais», há perto de 50 anos (Decr. de 16 de Junho de 1910), o que não tem impedido, infelizmente, o vandalismo da sua contínua destruição pela ignorância popular.

E do roubo da Sociedade? Não se descobriu o rasto de nenhum dos objectos roubados? Tudo se perdeu? (1).

Em meu nome e de minha mulher peço-lhe o obséquio de apresentar a sua Ex.^{ma} Esposa os nossos affectuosos cumprimentos. E queira mandar a quem é, com veneração,

Porto

adm.^{er}, amigo muito obrigado

8-II-99

Ricardo Severo

(1) Alusão ao roubo de dois braceletes de ouro, pré-históricos, adquiridos por Martins Sarmento, e de quase todas as moedas de ouro e prata do Museu da Sociedade Martins Sarmento, praticado na noite de 13 para 14 de Dezembro de 1898, nunca se chegando a descobrir o criminoso, nem o paradeiro das jóias e moedas (Vide sobre este assunto os interessantes comentários de Sarmento em carta para o Padre Martins Capela, na *Rev. de Guimarães* vol. XLVIII, p. 209. Também *Correspondência Hübner-Sarmento* cit., nota 7 de págs. 176-77, e *Dispersos*, de Martins Sarmento, pág. 140).